

## Sobre o Marrocos

Monique Sochaczewski

A incrível série feita por Daren Aronofsky para National Geographic “One Strange Rock”, sobre as maravilhas e fragilidades do planeta Terra, demonstra, logo em seu primeiro episódio, que as conexões entre África e América do Sul são bem mais amplas do que aventam as relações internacionais tradicionais. Astronautas e cientistas são ali mobilizados para demonstrar, entre outras coisas, que tempestades de areia oriundas da África têm papel importantíssimo na fertilização do solo da Amazônia.

Não vou me alongar nessa conexão, até porque não a domino de fato embora a ache intrigante, mas aproveito aqui para ressaltar que quando falamos em Oriente Médio, no meu entendimento, tratamos na realidade do que em inglês chama-se de MENA Region: a região que engloba o Oriente Médio e o Norte da África (Middle East and North Africa). A história da África Saariana, como declara o embaixador historiador Alberto da Costa e Silva, é largamente diferente da África Atlântica e da África Índica. O embaixador em questão a chama na realidade de África Mediterrânea e a entende como dividida do resto da África pelo Saara, que funciona como uma espécie de segundo mar. Foi em larga medida arabizada e islamizada no século VII e fez parte, na quase totalidade, do Império Otomano (1299-1922).

Já falei aqui um pouquinho do Egito, ao ressaltar sobretudo o interesse e as conexões familiares que D. Pedro II tinha com país. Já há importantes estudos de brasileiros sobre a Líbia – em especial o relato de Andrei Netto sobre a queda de Muamar Kadafi e reflexões sobre a história do país por Murilo Meihy –, e a Argélia, sobretudo suas questões de patrimônio, ganha atenção nos estudos de Aline Martello. Acredito ainda que seria interessante desenvolver pesquisa sobre brasileiros que se abrigaram nesse último país quando do regime militar no Brasil (1964-1985). A Tunísia, embora caso bem-sucedido da chamada “Primavera Árabe”, ganha menos atenção do que deveria por nossas bandas, embora Safwan Masri, diretor geral dos Columbia Global Centers, tenha nos dado a honra de fazer no Rio, no início de 2018, lançamento com Odebate de seu importante livro “Tunisia: An Arab Anomaly”.

E o Marrocos? Eva-Maria von Kemnitz (2010), que tristemente nos deixou recentemente, nos legou fundamental pesquisa sobre as relações de Portugal e o Magrebe nos séculos XVIII e XIX, além de ter tido importante papel em conectar estudiosos do Oriente Médio do Brasil com os de Portugal. Já o Marrocos atual conta com pesquisas de fôlego do antropólogo Bruno Bartel, que busca entender sobretudo

as questões religiosas do país. Bruno morou no país e vem crescentemente publicando a seu respeito, merecendo nossa atenção.

O renomado *think tank* Policy Center for the New South, ex-OCP Policy Center, conta também com uma série de *senior fellows* brasileiros dos mais competentes, interessados nas questões do Marrocos, do Brasil, e das relações internacionais mais amplas, sobretudo com enfoque econômico. E vale atentar ainda para o importante trabalho da embaixada do Brasil em Rabat, que acaba de colaborar no lançamento da coletânea “As relações entre o Marrocos e o Brasil”.

\*\*\*

Quando falamos, porém, de Marrocos e Brasil, o que originalmente nos conectou, foram levas de migrantes judeus que aqui chegaram logo depois da abertura dos portos. Eles se estabeleceram em especial na região Amazônia, tendo seu pico no *boom* da borracha. Por volta de 1890 mais de mil deles viviam no Pará, tanto em Belém, como também em pequenas cidades ao longo do Rio Amazonas, onde muitos atuaram como regatões (mascates por via aquática), negociando borracha, castanhas, sementes oleaginosas e outros produtos de exportação. Cemitérios não só em Belém, mas também em Manaus, Cametá, Santarém, Parintins, Teffé, Macapá e mesmo Iquitos, no Peru, contam com lápides de judeus que ali foram sepultados ao longo do século XIX, comprovando a ampla interiorização desse grupo pela Amazônia (Heller, 2010: 115).

Como ressalta Jeffrey Lesser (2018: 50) foram na realidade dos primeiros não-cristãos a imigrar voluntariamente para o Brasil. São na quase totalidade *sefaradim*, ou seja, descendentes dos judeus expulsos da Espanha (Sefarad) em 1492 e de Portugal em 1496, que se abrigaram no Marrocos. Embora haja ainda entre eles descendentes dos judeus da primeira diáspora babilônica, ou seja, aqueles “judeus que permaneceram na Pérsia com autorização de Ciro e que emigraram para o Magreb durante a expansão omíada, a partir do século VIII” (Heller, 2010: 39).

Os judeus marroquinos vieram para o Brasil por conta de dificuldades econômicas e falta de mercado de trabalho, a larga presença de conflitos internos e internacionais em que viam sua existência ameaçada, as más condições sanitárias sobretudo de Tanger e Tetuan, e também em “busca do Eldorado”, ou seja, “fazer a América” e enriquecer (Heller, 2010: 62). Houve também quem só quisesse a naturalização brasileira para no Marrocos ter tratamento diferenciado dos nativos.

É muito comum ressaltarmos o papel dos mascates árabes em conectar parte considerável do Brasil e não por acaso muitos se apresentam como verdadeiros bandeirantes, que desbravaram o interior do Brasil. Quando atentamos para a história dos judeus marroquinos – com quem muitos árabes que imigraram para a Amazônia conviveram – vemos que eles têm na realidade papel de igual importância nesse sentido. Reginaldo Heller (2010: 117) ressalta que na realidade a experiência dos judeus marroquinos de viagens longínquas como regatões, não era nova em sua cultura. Mercadores judeus no Marrocos, até o fim do século XVIII, “tinham por hábito levantar suas caravanas logo após as festas da Páscoa judaica, na primavera, e só voltavam às

vésperas do Ano Novo judaico, no outono. Após as festas das cabanas, que se segue ao Ano Novo e ao dia do Perdão, novamente tomavam seus camelos e seguiam viagem para só retornar às vésperas da Páscoa judaica. Assim era e quase sempre envolvendo riscos de assaltos por parte de bandidos do deserto ou de acidentes”. Na Amazônia mantiveram sazonalidade bastante parecida para suas viagens, em função do calendário judaico.

Desses judeus marroquinos da Amazônia ainda subsistem comunidades com instituições em Belém e Manaus, com muitos descendentes buscando se reconectar com suas origens, realizando inclusive viagens ao país de seus ancestrais. Há muitos casos também de famílias mistas, de judeus que se casaram com membros de outras comunidades (por vezes já contando com famílias nas grandes cidades), e que seus descendentes ainda guardam algum sentimento identitário judaico. Esses últimos são conhecidos como “hebraicos” e há entre eles alguns que são meio indígenas e meio judeus.

\*\*\*

Como dito, portanto, a razão das primeiras relações do Brasil com o Marrocos se deu, sobretudo, em virtude da presença de súditos judeus marroquinos no Brasil, sobretudo na Amazônia. Oficialmente, porém, as relações foram estabelecidas em 1906 e embaixadas estabelecidas na década de 1960, quando o Marrocos saiu da órbita francesa. Em 1963 foi estabelecida a embaixada do Brasil em Rabat e em 1967 a embaixada marroquina foi aberta no Brasil.

São muitas as atuais possibilidades de ampliação de parceria entre ambos os países, sobretudo em questões comerciais, agrícolas, educacionais, e no âmbito do turismo. Todas merecem a mais profunda atenção das autoridades brasileiras, bem como vale atentar para a crescente busca por protagonismo do país na África em geral e no Atlântico mais amplamente e também para sua experiência na gestão de fluxo de refugiados no norte da África. A presença do chefe de governo do país (espécie de primeiro ministro na monarquia), Saad Eddine El-Othmani, na posse do presidente Jair Bolsonaro, por exemplo, não ganhou a devida atenção da mídia e dos analistas de política externa. A quase totalidade preferiu focar em Binyamin Netanyahu e em Israel, perdendo de vista um caso interessante e mesmo promissor.

#### **Referências:**

HELLER, Reginaldo Jonas. *Judeus do Eldorado: Reinventando uma identidade em plena Amazônia*. Rio de Janeiro, e-papers, 2010.

LESSER, Jeffrey; WEJSA, Shari. *Moroccan Immigration and the Making of Brazilian National Identity*. In: BENLABBAH, Fatiha; SAADAN, Mohamed (coord). *As relações entre o Marrocos e o Brasil*. Rabat: Instituto de Estudos Hispano Lusófonos/Fundação Alexandre de Gusmão, 2018.

VON KEMNITZ, Eva-Maria. *Portugal e o Magrebe (séculos XVIII/XIX). Pragmatismo, inovação e conhecimento nas relações diplomáticas*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2010.

- O presente artigo foi publicado in “Trópicos Orientais, Orientes Tropicais- Reflexões sobre o Brasil e o Oriente Médio” – Editora Talu Cultural, 2019